

outra travessia

Revista de Literatura nº 33

Ilha de Santa Catarina 1º semestre de 2022

Organizadoras:

Maria Aparecida Barbosa
Susana Kampff Lages

Editor-chefe:

Ricardo Gaiotto de Moraes

Editoração:

Jefferson Michels

Programa de Pós-Graduação em Literatura
Universidade Federal de Santa Catarina

r e v
t a c
i t
a t
o u
t r a
s s

Ficha Técnica

Imagem da capa : *Kolumba Museum*, de Claudia Regina Peterlini, 2019. Fotografia. **P&B.**

Catálogo

ISSN: 0101-9570

eISSN: 2176-8552

Editor-chefe: Ricardo Gaiotto de Moraes

Organizadoras: Maria Aparecida Barbosa | Susana Kampff Lages

Capa, projeto gráfico, diagramação e editoração: Jefferson Michels

Revisão: Maria Aparecida Barbosa | Susana Kampff Lages | Jefferson Michels | Ricardo Gaiotto de Moraes

Conselho Consultivo:

Adriana Rodriguez Pérsico, Universidad de Buenos Aires (UBA),
Argentina
Ana Luiza Andrade, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil
Ana Porrúa, Universidade de Rosário, Argentina
Antonio Carlos Santos, Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), Brasil
Artur de Vargas Giorgi, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil
Carlos Eduardo Schmidt Capela, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil
Célia Pedrosa, Universidade Federal Fluminense (UFF), Brasil
Ettore Finazzi Agrò, Università de Roma La Sapienza, Itália
Fabián Javier Ludueña Romandini, Universidad de Buenos Aires - Universidad UADE
- Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET), Argentina
Flora Süsskind, Fundação Casa de Rui Barbosa, Brasil
Florencia Garramuno, Universidad de San Andrés, Argentina
Francisco Foot Hardman, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Brasil
Gema Areta, Universidad de Sevilla
Ivia Alves, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Brasil
Jair Tadeu da Fonseca, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil
Jorge Hoffmann Wolff, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil
Livia Grotto, Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), Brasil
Luciana María di Leone, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil
Luz Rodríguez Carranza, Universidade de Leiden, Países Baixos
Marcelo da Rocha Lima Diego, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil
Marcos Siscar, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Brasil
Maria Aparecida Barbosa, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil
Maria Esther Maciel, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil
María Gabriela Milone, IDH, Conicet. Universidad Nacional de Córdoba, Argentina
Mario Cesar Camara, Universidad de Buenos Aires (UBA), Argentina
Raúl Antelo, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil
Rita L. de Freitas Bittencourt, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil
Roberto Vecchi, Università di Bologna, Itália
Sabrina Sedlmayer Pinto, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil
Susana Celia Scramim, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil
Wander Melo Miranda, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil
Wladimir Antônio da Costa Garcia, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil

TEMPOS, TEMAS E PROBLEMAS DA TRADUÇÃO

à guisa de apresentação

Times, Themes and Translation Problems: an introduction

Num mundo em que ferramentas tecnológicas de tradução parecem tornar a tarefa dos tradutores cada vez mais obsoleta, em que uma comunicação livre de equívocos e mal-entendidos até há pouco parecia ser possibilidade corriqueira e evidente (embora não o fosse, como qualquer exame mais detido da comunicação humana pode detectar), por outro prisma, todavia, o debate ainda não está assim tão encerrado. Nesse sentido, tanto maior o interesse em investigarmos o papel da tradução, suas possibilidades e impossibilidades a partir de um ponto de vista desde logo e explicitamente negativo: eis é o ponto de vista da reflexão empreendida por Alice Leal em artigo que abre este número da revista *outra travessia*. O número integra um conjunto de textos oriundos de palestras e comunicações apresentadas na Seção 20: “Aporias e fluxos do tempo e da tradução”, dentro do 14.º Congresso Alemão de Lusitanistas, que se realizou de 15 a 19-09-2021 por via remota, tendo como sede a Universidade de Leipzig na Alemanha. O referido Simpósio, dedicado a atrair reflexões no campo dos Estudos da Tradução, teve coordenação

dos professores Maria Aparecida Barbosa (UFSC), Johannes Kretschmer (UFF) e Susana Kampff Lages (UFF) e propôs não apenas a discussão sobre os complexos imbricamentos temporais que toda tradução implica, como texto fundamentalmente atualizador que por definição ela é, mas também teve como objetivo associar-se às celebrações do aniversário de 90 anos do imenso poeta brasileiro vivo, Augusto de Campos.

Nada mais consoante com a complexidade da poética de Augusto de Campos do que abrir os trabalhos com um debate que proponha discutir o conceito de (in)traduzibilidade no limiar de uma reflexão entre filosofia e poesia, possivelmente questionando as fronteiras entre esses dois campos do saber e ultrapassando os próprios limites daquilo que tradicionalmente se entende por traduzível ou intraduzível. Como sublinha tal artigo, desde a publicação do - em todos os sentidos, antológico - *Vocabulaire Européen des Philosophies : Le Dictionnaire des Intraduisibles* (2004) (no Brasil, o *Dicionário dos Intraduzíveis. Um vocabulário das filosofias* (2018)), coordenado pela filósofa francesa Barbara Cassin, ocorre uma reviravolta nos paradigmas conceituais - no entretanto bem estabelecidos - do campo dos estudos da tradução. Isso se dá justamente pelo fato de sua reflexão partir da afirmação ostensiva e provocadora do conceito de intraduzível como conceito produtivo filosófica e filologicamente, num momento em que esse antigo lugar-comum a respeito da tradução parecia definitivamente desmontado. Examinando com vagar a noção de intraduzível assim como postulada pela filosofia de Cassin, o artigo segue uma reflexão proposta pelo filósofo Francisco Santoro, que articula a noção de Cassin ao conceito de “intradução”, neologismo cunhado por Augusto de Campos nos anos 70. Ao longo desse exame, o artigo dedica-se também a realizar uma interessante desmontagem da crítica ao projeto de Cassin por Lawrence Venuti, o qual descreve – equivocadamente, como demonstra Leal - os intraduzíveis

como conceitos derivados de uma compreensão “logocêntrica” ou “franco-centrada” da tradução.

A noção dos intraduzíveis de Cassin não só pode como deve ser, insiste a articulista, interpretada à luz da teoria e da prática das “intraduções” de Augusto de Campos, como propôs Santoro. Nesse sentido, elas se configuram como criações temporais – e temporárias, construídas *entre línguas* por gestos de *intervenção* de tradutores convictos de suas interpretações e conscientes de suas escolhas. Ora, o conceito cunhado por Augusto de Campos *ex negativo* vai além de uma negatividade absoluta, remetendo a um plano semântico-conceitual mais complexo e estratificado, uma vez que, em português, ao ser agregado à palavra, o prefixo “in” altera a forma da palavra de modo a gerar ao menos três acepções, com ênfases semânticas e determinações temporais diversas.

A complexidade dos entrelaçamentos entre temporalidade e as múltiplas formas de (in)tradução é tematizada, de um outro ponto de vista, por Eduardo Sterzi ao tratar da especificidade e novidade da forma canção no trabalho com a voz da poética de Augusto de Campos.

A dimensão “*verbivoco*visual” do poema proposta pelos concretistas ganha uma densidade histórico-temporal singular dentro de seu paradigma poético-conceitual, a partir sobretudo do seu pensamento sobre as relações entre música e poesia e sobre as afinidades e complexidades entre música popular e música erudita, assim como debatidas em *Balanço da bossa*, antologia de ensaios, traduções e poemas escritos sob o impacto da Bossa Nova e do Tropicalismo e publicada em sua primeira edição em fins dos anos 60. Nessa obra seminal, sublinha Sterzi, Augusto rompe com certo paradigma evolutivo do concretismo, mais centrado no elemento verbo-visual, pondo em destaque o elemento vocal e musical para se considerar a ambicionada multidimensionalidade programática da palavra poética. Assinala, assim,

ser precisamente este o elemento capaz de operar a particular “tensão de palavras-coisas no espaço-tempo”, por ser a música essencialmente uma arte do tempo. Como demonstra Sterzi, o desenvolvimento de complexas correlações teóricas por Augusto toma sempre como base a análise minuciosa de um seletivo repertório poético e musical, tanto no campo erudito quanto no popular, com interpretações originais, entre outros, do trabalho de diferentes compositores e intérpretes da MPB. Ao fazê-lo, demonstra a sofisticação técnica por trás de composições e interpretações com caráter aparentemente simples, direto ou fruto de uma expressividade espontânea.

Um dos trabalhos mais paradigmáticos do *modus operandi* de Augusto de Campos como tradutor que explora diferentes dimensões da palavra em sua concretude material e suas potencialidades perceptivas é representado por sua antologia de (in)traduções de Rainer Maria Rilke. O artigo de Ana Maria Torres busca, por meio de uma análise do poema “*Sankt Sebastian*”, cuja tradução consta das duas antologias publicadas em várias edições por Augusto de Campos - *Rilke: poesia-coisa* (1994) bem como em *Coisas e anjos de Rilke* (2001), com segunda edição, revisada e ampliada, de 2013. A autora se vale, por um lado, das breves mas interessantes reflexões de Paul Ricoeur sobre tradução e de reflexões de Maurício Cardozo, crítico e premiado tradutor de poesia e literatura de língua alemã; por outro, recorre ao comentário do próprio poeta redigido em elucidativo prefácio sobre sua interpretação da obra rilkeana e suas escolhas como tradutor-poeta, buscando compreender a conversão da singular interpretação do poema feita pelo poeta-crítico em operação tradutória pelo poeta-tradutor, figuras que se reúnem sempre numa mesma persona artística. Para iluminar os respectivos procedimentos interpretativos e tradutórios, a autora debate como ocorre a construção poética de perspectivas espaciais e busca detectar pontos de incongruência imagética nessa construção.

Outro texto centrado na análise detida de um poema e que, para testar os limites da tradução poética, assenta sua reflexão na teoria da tradução-arte ou *transcrição*, elaborada pelos poetas concretos brasileiros, é o artigo de Matheus Guménin Barreto. O poema em questão é a “Fünfte römische Elegie” (“Quinta Elegia Romana”) da obra *Römische Elegien (Elegias Romanas)*, de Goethe. Em sua análise Barreto busca focalizar tensões entre pontos de convergência e divergência, examinando como são representadas, materialmente no poema, com os recursos especificamente poéticos, diferentes dimensões da temporalidade, tanto dentro do contexto histórico imediato de produção do poema (seu “hoje”) quanto em referência a um passado clássico, sobretudo aquele da tradição poética da tarda- latinidade (seu “ontem”). Como assinala Barreto, *As Elegias Romanas* e, em especial, a “Quinta Elegia Romana” são produtos de um momento decisivo de transformação na obra de Goethe (momento para o qual contribuiu em muito, cabe aqui ressaltar, a decisiva viagem à Itália, quando o poeta alemão sofre o impacto direto das obras arquitetônicas e escultóricas bem como do cenário da Antiguidade). Na análise proposta, acompanha-se, portanto, como o poema se estrutura: sobre um complexo arco de tensões temáticas, poético-formais e temporais, que de singulares escolhas de caráter formal. Ao final, o autor apresenta sua tradução da elegia comentada, tomando como base a concepção e a prática da tradução paramórfica, assim como concebida e praticada por Haroldo de Campos. Trata-se da primeira tradução, em dísticos elegíacos, da “Quinta Elegia Romana” de Goethe para o português. Um alentado experimento de criação e artesanato poético com lastro na inovadora teoria e prática da tradução literária proposta pelo concretismo poético brasileiro.

Numa informativa resenha sobre antologias da obra de Augusto de Campos, publicadas no âmbito ibero-americano entre 2017 e 2020 (a

primeira, no Chile e as demais, como edições ampliadas, na Colômbia e na Espanha), Viviana Gelado esmiúça-lhes as particularidades, destacando o cuidado editorial com que foram preparadas, o que muito tem contribuído para a difusão tanto regional quanto internacional da obra do poeta, em especial, no domínio dos países de língua espanhola. A ocasião que dá ensejo a essa sequência de edições é duplamente determinada: ela vem na esteira da outorga do *Prêmio ibero-americano de poesia Pablo Neruda*, por parte de instituição governamental chilena no ano de 2015 e, além disso, ela se deve aos esforços de múltiplos atores do campo literário, acadêmico e editorial latino-americano e espanhol bem como ao apoio de instituições públicas e privadas, com destaque para a atuação de Gonçalo Aguilar, crítico, tradutor e professor universitário argentino que atuou como editor, tradutor e autor do prólogo e notas das três edições. Nelas, como sinaliza a resenhista, a obra do poeta brasileiro aparece como profundamente vinculada às vanguardas históricas, a cujos experimentos e desafios dá continuidade sob o signo da invenção poética. O volume também propõe um projeto consistentemente construído e radicalizado numa aventura experimental e existencial com a escrita poética que ultrapassa fronteiras semióticas e que tem na tradução e nos tradutores operadores privilegiados. Não por acaso, nessas antologias, o poeta e seu editor-tradutor assumem alternadamente a função de tradutores, dando continuidade a um refinado diálogo poético-crítico que vai além das fronteiras linguístico-culturais dos domínios da língua espanhola e portuguesa e adentra outras línguas e culturas e mesmo outros domínios artísticos.

Para encerrar este pequeno dossiê em homenagem ao ingresso do poeta Augusto de Campos, em fevereiro de 2021, em sua nona década de vida e sétima de carreira literária, trazemos dois textos de caráter diverso mas complementares: o primeiro, intitulado “Muito do que traduzimos partia da

ideia de traduzir o aparentemente intraduzível”, entrevista dada por Augusto à poeta e tradutora Simone Homem de Mello (autora também do poema em homenagem a Augusto aqui publicado), no âmbito do projeto *Cities of translators/São Paulo*, promovido pelo programa TOLEDO, plataforma e oficina digital sob os auspícios do *Deutscher Übersetzerfonds* [Fundo Alemão para Tradutores]. A publicação dessa entrevista nesta sede foi sugerida pelo próprio poeta por trazer uma amostra significativa e bastante completa de sua obra, inclusive em termos visuais; além da entrevista, publicamos o sintético porém informativo discurso redigido pela Professora Claudia Neiva de Matos para a cerimônia de outorga do título de Doutor Honoris Causa a Augusto de Campos pela Universidade Federal Fluminense - UFF, cuja versão em vídeo se encontra disponível *on-line* na página da UFF, junto ao material referente à cerimônia em homenagem ao poeta, realizada no dia 25 de janeiro de 2022.

Este número da *outra travessia* traz em seguida um conjunto de textos que atendem à chamada centrada na proposta de articulação entre tradução e temporalidade(s). Iniciam essa seção três artigos que focalizam desdobramentos históricos e conceituais da tradução e da crítica literária de autoria, respectivamente, de Romana Radlwimmer, Luciana Villas Bôas e Maria Aparecida Barbosa.

O artigo de Radlwimmer é uma pesquisa bem atual, relativa aos primórdios da colonização portuguesa no Brasil. Baseado em substantiva documentação histórica, delinea uma constelação historiográfica dos primeiros momentos da empresa colonial portuguesa ao descrever o contato entre portugueses e habitantes originários e seus primeiros mediadores, tradutores-intérpretes. A temporalidade linear e teleológica típica do colonialismo português, argumenta a autora, busca englobar o “Outro”

a ser subalternizado, ao mesmo tempo em que lhe subtrai sua peculiar relação com o tempo. Nesse processo operam agentes da mediação: sujeitos, homens, mulheres, crianças (os *meninos língua*) que assumem a tarefa de traduzir, não raro para garantir a própria sobrevivência no contexto da conquista territorial levada a cabo sobretudo pela obra catequética dos jesuítas. Da tradução como prática empírica, pouco organizada, durante os primeiros contatos com os habitantes locais, passa-se a um momento sistematizador da comunicação oral e de produção de documentos visando atingir o objetivo missionário maior até chegar, finalmente, à difusão da empresa colonial “traduzida” em textos, uma difusão para a qual uma recente invenção europeia, a imprensa, se torna o gatilho privilegiado. Revelador de como sutis mecanismos de dominação podem ser postos em ato por meio de agenciamentos tradutórios, é o fato de que não tenham restado quaisquer testemunhos diretos da atuação dos *meninos língua*, agentes minorizados que, por seu silenciamento, acabam solidariamente associados aos habitantes locais que serão progressivamente silenciados ao longo dos séculos a vir.

Já o artigo de Luciana Villas Bôas trava uma discussão complexa acerca de outra espécie de encobrimento que possui implicações temporais, um velamento também agenciado por traduções: a tradução de conceitos, aqueles termos que operam uma especial delimitação semântica nas palavras em se “aninham”, na feliz expressão da autora, que escolhe um caso exemplar para proceder ao debate: a tradução, no campo das Humanidades, do termo alemão *Öffentlichkeit*, muitas vezes vertido ao português pela expressão “esfera pública”, para a qual é determinante, como assinala Villas Bôas, a etimologia latina *publicus*, que, no entanto, não contempla uma das acepções do termo em alemão, qual seja, a ideia de uma contraposição entre o que é ou está visível, aberto a todos e o que permanece velado, encoberto. Para fazer emergir esse sentido ocultado é que a autora propõe uma nova tradução

do termo alemão, na qual essa dimensão de abertura seja devidamente contemplada: *abertura*. Recorrendo a gramáticas e dicionários históricos da língua alemã e portuguesa e mobilizando um aparato conceitual derivado de pensadores clássicos do Esclarecimento alemão e de recentes trabalhos teóricos e críticos do regime comunicacional contemporâneo, passando por textos de pensadores indispensáveis ao debate, provenientes de diferentes campos das Ciências Humanas, tais como H. Arendt, F. Kittler, J. Habermas e R. Kosseleck, o artigo defende a retradução do termo alemão com lastro numa investigação que busca retrazar a história conceitual como gesto simultaneamente filológico, filosófico, histórico e político.

Serão precisamente motivos políticos que irão determinar a escassa fortuna das obras do crítico literário, poeta e professor universitário Max Kommerell, contemporâneo e algo como um antagonista de Walter Benjamin na cena intelectual da República de Weimar. Inicialmente próximo ao Círculo em torno ao poeta Stefan George, de quem recebe tratamento privilegiado e o pseudônimo “Maxim” e com quem romperá depois, Kommerell deve sua sobrevivência intelectual ironicamente aos comentários que acerca dele escreveu Benjamin: precisamente as duas complexas resenhas que são objeto do artigo de Maria Aparecida Barbosa: “Contra uma obra-prima - acerca de ‘O poeta como guia no Classicismo Alemão’, de Max Kommerell” (1928) e “Embebendo a varinha de condão - acerca de ‘Jean Paul’, de Max Kommerell” (1933). O artigo segue a reconsideração das obras de Kommerell proposta por Giorgio Agamben, que postula relê-las hoje a partir das próprias resenhas benjaminianas, elas mesmas deixadas à margem por terem tratado da obra de um crítico conservador, afeito ao militarismo e que acabou aderindo ao nazismo. A autora partilha da crítica que dirige Benjamin ao enaltecimento hagiográfico da particular constelação de autores do Classicismo Alemão e, com isso, de uma ideia de germanidade que tantos prejuízos traria à cultura

e à história alemã. Aponta, todavia, para a ambiguidade presente no título da resenha que considera a obra de Kommerell “obra-prima”, ainda que criticável. Na segunda resenha, como explica a autora, Benjamin retorna à figura daquela constelação para compreender certas relações entre autores em determinado momento da história, e o faz seguindo, em certos pontos, algumas ideias de Kommerell. Uma crítica acerba do poeta rumeno de língua alemã Paul Celan, através do poema “Port Bou – alemão?” (tradução da autora), se converte em crítica-poética ancorada no presente para recriminar a condescendência de Benjamin ante Kommerell e ante a atitude devota ao cânone da história literária germânica.

A interpretação e a tradução da poesia de Celan realizada por Jacques Derrida é objeto do artigo escrito por Luiz Fernando Medeiros de Carvalho em parceria com Serge Margel. O ponto focal do artigo é precisamente o aspecto tematizado por Derrida em seu comentário sobre Celan: o caráter irrepetível do acontecimento “data” e o paradoxo que implica, na medida em que ele se destina a ser comemorado, e, portanto, repetido. No caso, aproximação entre poesia e filosofia é um tópico incontornável, que os autores debatem a partir da noção de “desconfiança”, uma atitude, essencialmente filosófica e tipicamente moderna diante do mundo e da linguagem. É ela que aproxima o poema e sua tradução como objeto de uma mesma atitude atenta, como detectam os autores: “A desconfiança é uma atenção que representa a um só tempo a tarefa do poema e a tarefa do tradutor”. Uma desconfiança filosófica que serve a Derrida de porta de entrada para ler a paradoxal poesia celaniana, considerando seu ritmo, sua forma, sua respiração poética. Remetendo, entre outros, ao célebre discurso “O Meridiano”, proferido por Celan por ocasião do recebimento do Prêmio Georg Büchner, em 1960, os autores buscam associar a dimensão dialogal do poema - sua travessia - ao caráter irrepetível de sua existência, à sua dimensão

fundamentalmente contingente, circunstancial – histórica, portanto. Daí deriva tanto a impossibilidade quanto a necessidade da tradução, uma tradução que franqueie o acesso ao poema em sua singularidade, abertura. Repetível e irrepetível: tradução como múltiplas pontes que busquem ultrapassar limites, os limites da interpretação, sem, no entanto, desprezar a dimensão irrepetível de cada experiência prosaica ou poética e sua necessária rememoração na língua.

Circunstância, contigência - elementos centrais no artigo de Cleber Ribas de Almeida que propõe uma original análise do título e do poema que abrem a primeira seção de *Claro Enigma*, antologia poética de Carlos Drummond de Andrade de 1951. Apoiado em amplo conhecimento da fortuna crítica drummondiana, o autor defende que, para além do reafirmado intertexto com os versos de Sá de Miranda, poeta do Quinhentismo português, o enigmático título remeteria a uma crônica do próprio poeta intitulada “Para Quem Goste de Cão” (1947), interpretada pela crítica de modo limitador, segundo o articulista, como um simples libelo em defesa dos animais. Em vez disso, a crônica representa, como demonstra o artigo de modo eloquente, uma alegoria política de tipo orwelliano, na qual o papel do poeta enquanto animal político é questionado a partir de uma divisão entre poetas inautênticos e autênticos, por ele caracterizados como respectivamente caninos e lupinos. Por meio do acurado exame documental do contexto histórico em que a crônica foi redigida e sua correlação com o contexto de produção dos poemas e de publicação da antologia, o artigo demonstra o posicionamento crítico do poeta diante dilemas ético-políticos do seu tempo. Nesse contexto, destacam-se os debates, ensejados pelas controvérsias em torno da promulgação da Lei de Direito Autoral e que marcaram o *II Congresso da Associação Brasileira de Escritores (ABDE)* ocorrido em Belo Horizonte em 1947. Em sua crônica do mesmo ano,

Drummond compara os lobos aos bons poetas: como os lobos seriam infensos ao assédio humano, os verdadeiros poetas deveriam recusar o assédio de editores e líderes partidários, atitude que configura uma clara ruptura com sua anterior aproximação ao PCB, ou seja, um momento, bastante conturbado de virada em seu engajamento político e que irá se manifestar também em sua obra poética, a começar pelos poemas reunidos em *Claro Enigma*.

Sabemos que o momento histórico da Guerra Fria, quando o brasileiro Drummond se confronta com singulares injunções ético-políticas, tem, a partir dos anos 50, desdobramentos que alteram a configuração geopolítica mundial com consequentes alterações nos regimes econômicos e políticos vigentes e, como é natural, reflexos na vida dos cidadãos comuns. Na Alemanha, em particular, tem início o afluxo de migrantes atraídos pela promessa de trabalho do governo alemão, um movimento que se intensifica e transforma ao longo dos anos, mas sem nunca cessar, mesmo após do emblemático momento da Queda do Muro de Berlim. É dentro desse contexto migratório que surge um novo tipo de literatura, escrita por estrangeiros ou seus descendentes, que receberá diferentes denominações ao longo das décadas. Este número traz dois artigos representativos de vertentes recentes dessa riquíssima literatura: dois romances em que o recurso à tradução se constitui em procedimento constitutivo essencial precisamente porque fazem parte da própria identidade literária de suas autoras. São obras de mulheres provindas de contextos diversos, cuja identidade literária é dada por uma língua alemã contaminada pela estranheza e pela estrangeiridade, como Yoko Tawada e Terézia Mora.

No caso de Tawada (1960-), é a particular estranheza derivada da condição de estrangeira que determina a condição “exofônica” de sua escrita

e nela abre brechas poéticas. O termo “exofonia”, de cunhagem recentíssima e reiteradamente evocado para tratar da obra da autora nipo-alemã, remete, no entanto, a uma prática literária antiga: escrever em línguas diversas. Sendo uma derivação direta do contexto marcado pelos fluxos migratórios mais recentes, mais para o final do século XX, na Europa, o conceito de exofonia, empregado sobretudo para descrever a obra tawadiana, pode caracterizar uma série muito variada de obras e autores contemporâneos, cuja identidade, transitória por sua origem e contexto histórico, é necessariamente múltipla e sobretudo nômade, levando com isso a um questionamento das bases da nacionalidade e seu símbolo maior: as fronteiras geopolíticas.

No contexto dos países de língua alemã, Yoko Tawada se destaca, seja por sua escrita extremamente versátil, seja pela originalidade de seu projeto translinguístico e transcultural, seja pelo papel que a prática e a poética da tradução nele desempenha. E é justamente a partir da tarefa de traduzir o segundo romance da autora, *Cunhado em Bordeaux*, de 2008, que Thais Porto e Natália Fadel Barcellos refletem a respeito de diferentes dimensões dessa escrita exofônica. Apontam, com isso, para a exigência intrínseca de tradução que a obra tawadiana implica e que se revela no momento em que a sua tradução para uma outra língua estrangeira sinaliza novas possibilidades interpretativas, veladas nas línguas originais. Torna-se praticamente inevitável pensar na influência que a reflexão de Walter Benjamin concernente à tradução tem sobre a obra de Tawada (o que se comprova, aliás, pelo fato de ela ter lhe dedicado um capítulo de sua tese doutoral).

O papel da tradução e do multilinguismo em obras de autores originários do contexto migratório mais recente na Alemanha é explorado de outro modo na leitura que Werner Heidermann faz de *Todo dia*, romance de estréia de Terézia Mora (1971 -), publicado em 2004, e de sua

tradução brasileira, por Aldo Medeiros. Nascida na Hungria e educada no contexto cultural da minoria alemã húngara, a escritora, roteirista e tradutora Terézia Mora chega em 1990 a Berlim para realizar seus estudos universitários, onde também fará alentadas traduções de autores húngaros e iniciará sua bem-sucedida carreira como premiada escritora e roteirista - de língua alemã. Como assinala Heidermann, o romance *Todo dia* evidencia a fineza do trabalho da autora sobre diferentes estratos do acervo linguístico, literário e cultural alemão, bem como do húngaro e das línguas eslavas. Desde a construção narrativa como um todo a detalhes tipográficos (alguns estranhamente desaparecidos da edição brasileira), passando pelo desenho entre real e surreal do protagonista migrante Abel Nema, poliglota e tradutor de dez línguas que – paradoxalmente - não consegue se comunicar, Mora exhibe a maestria de sua montagem polifônica, compondo um mundo regido por uma lógica simultaneamente real e surreal, mas que em todo o caso não revela por completo seus enigmas – sobretudo os literários. Similar ao romance de Tawada, não apenas por colocar em foco a tradução, mas também pela dimensão experimental de sua escrita, fragmentária, não linear e multiestratificada, o texto de Mora certamente representa um adicional desafio ao tradutor, que, como demonstra Heidermann, necessariamente teve de se valer dos próprios recursos autorais para lhe oferecer uma resposta que fosse ao mesmo tempo criativa e funcional. E, para a felicidade dos leitores, sai-se bem da tarefa.

Também o artigo de Susana Carneiro Fuentes aborda uma narrativa centrada num personagem marcado pela origem diaspórica, dando continuidade a uma reflexão realizada em outra sede (cf. **Referências** do artigo) a respeito do mesmo experimento de tradução do conto “Cândido Abdellah Jr.” de Cristiane Sobral (1971 -) para o inglês; desta vez, porém, a tradutora adota um tom poético-reflexivo mais pronunciado, que se

pretende também mais aberto à interpretação e à participação dos que lêem. Essa busca de um novo tom para uma nova reflexão sobre uma mesma empresa tradutória, reflete, de um lado, o interesse reiterado pelas incertezas e problemáticas associadas a uma identidade negra, assim como evocadas em particular no conto traduzido, provocando, de outro lado, na consciência da própria tradutora, questionamentos identitários que vão se construindo no próprio processo de verter um conto da língua materna, que pertence a um campo estável, para uma língua estrangeira, domínio instável e campo necessariamente experimental. Ruidosas e por vezes fragmentárias evocações numa reflexão que tem como pano de fundo mais uma vez aqui o contexto migratório, qual seja: a diáspora africana e suas consequências tão dilacerantes quanto dolorosas, no Brasil. Embora afirme, apelando ao conceito benjaminiano de “agoridade” [*Jetztzeit*], assim como revisitado por Homi Bhabha, o acento do momento da tradução, a tradutora se lança à escuta de outras temporalidades, marcadas por ancestralidades, por um lado, e futuridades, por outro, num processo de permanente devir. Intrigante perseguir no artigo e, conseqüentemente, no conto que lhe dá origem, o papel que assume “o tempo do corpo em performance”, assim como descrito por Bhabha, com suas singulares marcas e cicatrizes.

Relatos de sonhos – estes corpos ao mesmo tempo tão íntimos e tão estranhos! - talvez encenem do modo mais claro que se possa imaginar e, simultaneamente, mais íntimo e encoberto, a particular provocação hermenêutica operada pelas múltiplas passagens, “traduções” - não só entre idiomas diversos, mas também entre diferentes linguagens, modos de expressão e representação simbólica. Com sua narrativa evocativa e enigmática, o conto *Sonho*, de Turguêniev, desdobra essas passagens entre diferentes planos narrativos em seus dezoito segmentos, aqui traduzidos por Márcia Chagas Kondratiuk e Ekaterina Vólkova Américo, essa última

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

também autora de um elucidativo comentário. Se, de uma parte, como sublinha essa autora, a fantástica narrativa do sonho turguenieviano se mostra antecipadora do romance familiar freudiano precisamente por representar, sob diferentes formas, as contradições da profunda ligação amorosa entre mãe e filho, sempre permeada por sentimentos dúbios e turbada pelo retorno do pai morto como duvidosa assombração; de outra parte, ela se constitui também como prenunciadora de técnicas narrativas que serão utilizadas na literatura das vanguardas e no cinema, graças à singular manipulação de suas coordenadas espaço-temporais bem como ao uso intencional de elementos (tipo)gráficos para representar ideias ou sentimentos.

Agradecemos em especial ao poeta a quem rendemos homenagem, Augusto de Campos, pelas conversas e indicações.

Agradecemos também aos colaboradores: autores, tradutores e editores deste número da *outra travessia* da UFSC, pela companhia nos processos de estudo. Boa leitura,

Susana Kampff Lages
(Universidade Federal Fluminense)
&
Maria Aparecida Barbosa
(Universidade Federal de Santa Catarina)

Submissão: 15/07/2022
Aceite: 20/07/2022

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2022.e94056>

*Esta obra foi licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.*